

ENTRE A VIOLÊNCIA E A FESTA POPULAR NO FUTEBOL DA ARGENTINA: AS BARRAS-BRAVAS, AS POLÍTICAS PÚBLICAS E UMA ONG

BETWEEN VIOLENCE AND THE POPULAR CELEBRATION IN THE ARGENTINIAN FOOTBALL: THE BARRAS-BRAVAS, PUBLIC POLICIES AND A NGO

Fernando Segura M. Trejo*

Diego Murzi**

Laura Yoshida***

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo comentar o problema histórico de violência no futebol argentino. A partir dos aspectos culturais identificados pelos estudos antropológicos já realizados, analisaremos os elementos do entorno que agravam o problema. A este respeito, vamos discutir os dispositivos de políticas públicas de segurança, os quais longe de conter, têm contribuído na criação de outros fatores de violência. Finalmente, tentaremos relacionar o papel de uma ONG, *Salvemos al Fútbol*, desde suas origens até as recentes ações na luta contra a violência no futebol. Assim, da lógica da denúncia como principal razão de existir, os esforços graduais começaram a ser pensados para dispositivos de prevenção. Tudo isto num contexto, no qual os meios de comunicação e os governos são regidos pelo discurso da tolerância zero.

Palavras-chave: Violência; Futebol; Argentina; Barras-bravas; Políticas Públicas; ONG Salvemos Al Fútbol.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the historical problem of violence in the Argentinian football. Based on the cultural aspects identified by the already existing anthropological studies, we will analyze the elements of the environment that aggravate the problem. In this regard, we will stress the conception of public security policies, which far from containing, have contributed to the creation of other factors of violence. Finally, we will relate the role of an NGO, *Salvemos al Fútbol*, from its origins to the recent actions in the fight against violence. From the logic of denunciation as the main reason of existence, gradual efforts have been directed towards the prevention devices. All this, in a context which mass media and governments are oriented by the discourse of zero tolerance.

Keywords: Violence; Football; Argentina; Barras-bravas; Public Policies; Salvemos Al Fútbol NGO.

* Professor Visitante 2017 Programa Pós-Graduação Sociologia Universidade Federal de Goiás, pesquisador filiado ao CIDE (México). Doutor em Sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) de Paris.

** Candidato a Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires e filiado ao IADES – USAM, Bolsista do Conicet. Mestre em Sociologia pela EHESS Paris, Vice-presidente da ONG Salvemos Al Fútbol.

*** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. Formada em Relações Internacionais pela PUC-Go.

O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL DA ARGENTINA

A Argentina tem a triste distinção de ser um dos países onde o número de mortes relacionadas com o futebol tem se colocado sempre entre os maiores do mundo. De 1922 a junho de 2017¹, podemos contar 319 mortes causadas pela violência produzida dentro de estádios, na saída ou constituindo o desfecho trágico de agitação, cujas causas se relacionam com o futebol. Além disso, na última década, entre 2006 e 2016 a média registrada foi de 9 mortes por ano (SEGURA; MURZI; NASSAR, 2017). Isto significa que morre em torno de uma pessoa a cada dois meses por causas relacionadas com a violência no futebol na Argentina.

A violência nos círculos de futebol é, naturalmente, um fenômeno complexo. Entretanto, de todos os atores envolvidos, existe uma opinião instalada que designa ao principal grupo culpado, as barras-bravas. Toma-se esse nome na Argentina para os grupos organizados de torcedores que controlam as arquibancadas e seus circuitos. Constituídas por volta do final dos anos 1950 (ARCHETTI; ROMERO, 1994), as barras-bravas têm evoluído conjuntamente com o caráter cada vez mais mercantil do futebol (MURZI, 2011). Portadoras de uma imagem ligada à delinquência, violência e corrupção, perseguidas pela justiça e demonizadas pela mídia, as barras-bravas tornaram-se impossíveis de ignorar em tanto atores.

A este respeito, vamos procurar aqui uma breve visão sócio-histórica de dois aspectos no mundo da violência e o futebol: por um lado, a evolução e o lugar das famosas barras-bravas e a reação da sociedade civil, por outro. Assim, pretendemos considerar alguns aspectos culturais, por exemplo, o que se denomina na Argentina como *el Aguante*. Dessa forma, será possível pensar os arranjos institucionais implementados, os quais em vez de reduzir os níveis de violência, têm agravado a situação nas últimas décadas.

É claro que as barras-bravas não agem sozinhas. Elas vêm se beneficiando por um longo tempo de um elevado grau de arranjos, num mercado onde a “violência” tornou-se um serviço que encontra a sua oferta e sua demanda. Nos perguntamos assim: quais têm sido as respostas públicas de luta contra

as diferentes formas de violência no futebol? As respostas implementadas têm incorporado, de alguma forma, a participação cívica? Quais são os atores que se mobilizam contra a violência no futebol? Como eles se mobilizam? É aí onde procuraremos situar a ação das ONG's em particular o nascimento de uma delas: *Salvemos al Fútbol*.

A CULTURA DO AGUANTE: ELEMENTOS DE COMPREENSÃO

Assim como o futebol é depositário de significados sociais que vão além da dimensão esportiva, a violência nesse mundo é interpretada pela imprensa como o “flagelo” que estraga a “grande festa” dos argentinos. Portanto, para entender o fenômeno, não devemos nos limitar a única observação dos palcos que são os estádios.

Na Europa, como proposto por diversos autores (CLARK, 1978; EHRENBERG, 1985; ELIAS; DUNNING, 1986; MIGNON, 1998; TAYLOR, 1971; WILLIAMS; DUNNING; MURPHY, 1984) a violência nos estádios apareceu, inicialmente, como uma forma de expressão e produção de homens jovens geralmente das classes trabalhadoras. Citando a tese do antropólogo Christian Bromberger (1995), a qual vê o futebol um lugar de representações sociais, este esporte tem tido, também, uma estreita relação com a construção de identidades masculinas na Argentina (ARCHETTI, 2003). No entanto, esta violência tem sido associada com vários outros fenômenos sociais e políticos da história do país, como a pobreza, a desigualdade social, a corrupção e o nepotismo (ARCHETTI; ROMERO, 1994; LEVINSKY, 2016; ROMERO, 1985; 1986; 1994; 1997). É melhor, então, analisar a existência das bravas-barras e as práticas violentas dos torcedores nos contextos nos quais elas ocorrem.

No panorama argentino, o futebol é, em efeito, um elemento eficaz na construção de imaginários nacionais (ALABARCES, 2002; ARCHETTI, 2003) e locais (ALABARCES, 2004; ARAGON, 2008; GARRIGA, 2006; GIL, 2007; MOREIRA, 2008). Devido à sua importância social, este espaço nunca tem se mostrado hermético aos governos e as diversas classes políticas (PALOMINO; SCHER, 1988). Os pontos de intersecção com a política foram levando estas esferas a compartilhar discursos das práticas e

¹ Dados disponíveis em: <<http://salvemosalfutbol.org/>>.

modos de ação. Assim, é possível identificar nos clubes itens que se enquadram dentro da cultura política: o fervor, a demagogia e o favoritismo.

O papel social dos clubes não pode ser ignorado, portanto: neles concentra-se grande parte da atenção do público durante o ano todo, não apenas na esfera esportiva, mas também do ponto de vista institucional. De fato, estas organizações formam estruturadas como sociedades civis e a vida política dentro delas é das mais ricas (MOREIRA, 2012). O envolvimento dos adeptos tem sido fundamental para seus processos históricos desde os inícios do século XX (FRYDEMBERG, 2011). Neste contexto, a presença das barras-bravas nos clubes tem sido articulada por dirigentes que se acostumaram a utilizá-las para ganhar eleições, impor ideias por meios coercivos ou para a realização de negócios ilegítimos. A relação entre cartolas, e inclusive líderes políticos de todos os partidos com as bravas-barras foi construindo-se a partir de um quadro de colaboração recíproca que localizou nos grupos violentos, uma posição central na vida institucional dos clubes. Ao estender esse padrão de interseções entre os campos do futebol e da política, é possível dizer que seus agentes, para usar a terminologia do Pierre Bourdieu (1981), participam alternadamente de um e de outro mundo. As barras-bravas têm aprendido a organizar sua capacidade de festa nas arquibancadas, a violência e a mobilização, numa complexa rede de relacionamentos em troca de favores, serviços ou dinheiro (D'ANGELO, 2011; BUNDIO, 2013; MURZI; SEGURA, 2014).

A fim de compreender esse contexto, é necessário considerar também a existência de uma cultura geral, própria, do torcedor do futebol argentino. Assim, no confronto entre grupos rivais, a honra e a reputação da equipe têm sido historicamente envolvidos em duas facetas. A simbólica, sob a ideia da lealdade e do fervor, e a outra real, cujo resultado é decidido pela batalha mão-de-mão. Nestes atributos, isto é, no fervor, na fidelidade e na violência, é que estão organizando os pilares da cultura do *Aguante*. A detenção simbólica de uma boa dose de *Aguante* constitui, então, o principal capital que tem identificado as barras-bravas. Os meios de elevação para manter essa reputação são realizados por meio da ação simbólica e efetiva (ALABARCES, 2004; GARRIGA, 2013). O *Aguante* é, desta forma, um recurso que fornece

reputação e respeito, tanto individualmente quanto para o grupo.

As lutas pela honra são decididas com base nessa posse, em constante competição com grupos de adeptos rivais. Portanto, as práticas violentas foram neste universo, não apenas aceitas, mas procuradas durante décadas. Além disso, estas práticas não são utilizadas apenas para determinar a estrutura de grupos. Elas têm fornecido elementos de alto valor econômico.

No estádio, onde a ordem que prevalece não é sempre aquela da legalidade, mas uma ordem negociada, estabelecida pelo confronto permanente entre diferentes atores, a capacidade de mobilizar violência têm permitido as barras-bravas se imporem (MURZI, 2011). É a partir desta posição central que elas têm conseguido construir toda uma série de arranjos para procurar benefícios econômicos.

Dentro desta contexto, é possível distinguir dois usos e, portanto, dois sentidos conferidos à violência: o primeiro é uma função social que deve ser entendida, seguindo o Geertz (1973), na lógica de uma trama específica. A segunda função é aplicada para obter benefícios. O uso instrumental da violência transcende o espaço do esporte para abranger uma ampla gama de atividades lucrativas em grupos ou individualmente: controle dos carros do estacionamento ao redor dos estádios, revenda de bilhetes, organização de viagens, voos, venda de drogas, assédio moral, grupos de assalto em mobilizações sindicais, guarda-costas de homens políticos ou inclusive pessoal de segurança em apresentações musicais (MURZI, 2011).

Ao longo dos últimos quinze anos, após a maior crise econômica da história do país (2001-2002), as barras-bravas consolidaram a economia do seu modelo organizacional. Embora mantendo as suas raízes nos círculos de futebol, as atividades lucrativas desses grupos têm gradualmente expandido seu alcance. Suas práticas tornaram-se mais heterogêneas, culminando em um aumento significativo de visibilidade. A intensificação do processo de expansão e diversificação das atividades levou ao surgimento de uma nova dinâmica de violência: os confrontos entre membros de uma mesma barra-brava. A partir de meados da década de 2000, este aumento da conflitualidade resultou em episódios repetidos (incluindo assassinatos de seus próprios camaradas). Este é um movimento centrípeto de violência, usado para decidir o resultado de

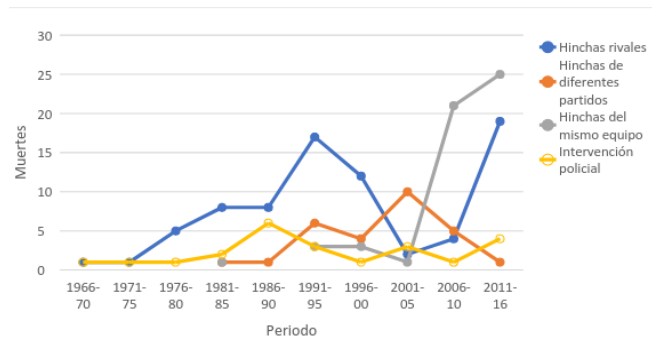
lutas internas pelo controle do poder e dos recursos (MURZI, 2011; MURZI; SUSTAS; ULIANIA, 2015; SEGURA, 2013).

Os confrontos entre membros de uma mesma barra-brava foram a principal causa de mortes nos últimos anos (SEGURA; MURZI; NASSAR, 2017) tal como o Gráfico 1 abaixo mostra a tendência nas últimas décadas. É possível observar nele, o fato que as mortes resultantes das brigas entre torcidas rivais foi a principal tendência entre as década de 1970 e o final dos anos 1990, quando se dá um aumento significativo das mortes no interior dos grupos de torcedores de um mesmo clube (*hinchas del mismo equipo*). O gráfico faz visível outra tendência denominada *hinchas de diferentes partidos*, isto é, as mortes resultantes de confrontos no caminho ao estádio ou na saída, quando grupos de torcedores cujos times que não estavam em disputas esportivas se enfrentam. Os dados permitem observar, também, o número constante de mortes consequentes da repressão da polícia durante o período todo.

Na segunda década do século XXI, a quantidade de mortos resultante das brigas na mesma torcida não só aumentou, mas também voltou a se relacionar àquelas ligadas aos confrontos entre *hinchadas* ou barras rivais. O que já foi aqui descrito como a cultura do *Aguante* continua sendo então uma faceta vigente na violência do futebol argentino. No entanto, apesar das mortes serem a consequência mais trágica, não são a única manifestação de violência: esse mundo produz diariamente discursos, atitudes e comportamentos que permitem defini-lo em si como um lugar de violência.

Desta forma, o espaço do futebol pode ser caracterizado na Argentina como um recinto que oscila entre o fervor e a violência, onde existem muitos fatores que entram em jogo. Se analisarmos a dinâmica entre atores, o ambiente e as instalações dos estádios é possível discernir três fontes complementares de criação e reprodução: 1. O mau estado da infraestrutura; 2. O comportamento de transgressão de todos os agentes envolvidos; e 3. A orientação das políticas de segurança (ULIANA; GODIO, 2013; GODIO; ULIANA, 2016). Podemos revisar assim na próxima seção o marco de políticas públicas em “reação” à violência do futebol.

Gráfico 1 - Evolução das mortes no futebol argentino (1967-2016).



Fonte: autores com informação de *Salvemos al Fútbol*.

OS DIAGNÓSTICOS INSTITUCIONAIS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Dados os ambientes de violência (SODO, 2013), é natural se perguntar pelas respostas institucionais para tentar parar esta espiral. Amílcar Romero (1985, 1986, 1994, 1997) apontou, a partir dos anos 1980, a lógica sistêmica instalada no futebol argentino por muitas décadas. Neste campo de confrontos, a polícia sempre tem sido um fator gerador de ações violentas, amplificando o fenômeno ao invés de contê-lo. Recentes pesquisas confirmaram este fato (GALVANI; PALMA, 2005; SUSTAS, 2013; ULIANA; GODIO, 2013) assim como os dados do gráfico acima o mostraram. A obra de Pablo Alabarces (2004), *Crónicas del Aguante*, e o livro do antropólogo José Garriga (2006) sobre a hinchada do clube Huracán, demonstram como a polícia é percebida pelos torcedores organizados como outra barra-brava, só que mais odiada. É nessas batalhas que uma barra-brava pode desdobrar seu potencial máximo de *aguante*; resistindo com força física para aos agentes da lei.

De fato, a polícia tem frequentemente procurado provocar confrontos (ALABARCES, 2004, p. 77; GALVANI; PALMA, 2010, p. 161-184) contra os torcedores -barras e até mesmo torcedores comuns-. No entanto, a dimensão econômica é também de interesse para o apoio da tensão, quanto mais um jogo é considerado de risco, mais dinheiro devem pagar os clubes para a polícia nas operações de segurança (MURZI, 2011). Na Argentina, especialmente no contexto da cidade e província de Buenos Aires, as respostas institucionais sempre têm dado a impressão de se inserir num passo de reação (inevitável) depois dos episódios

dramáticos; e nunca em uma prevenção sociocultural (SUSTAS, 2013). O caso britânico é sempre mencionado por entidades responsáveis pela segurança no futebol indiscriminadamente (ALABARCES, 2004, p. 50-52; SEGURA; MURZI, 2013). No entanto, os casos belgas e alemães onde os esforços e tentativas de prevenção já foram iniciados, nunca têm feito parte de debates sérios para considerar outras alternativas (SEGURA; MURZI, 2015).

Neste contexto, no entanto, várias medidas precisaram ser consideradas pelas políticas públicas: admissão ou direito de admissão, ou seja, a proibição de alguns indivíduos nos estádios tem sido uma iniciativa recorrente, especialmente na província de Buenos Aires. Porém, as barras-bravas são estruturas que se perpetuam além dos indivíduos, mercados e ganhos econômicos, de forma de poder substituir rapidamente aqueles que estão ausentes. Pesquisadores que investigaram as relações das barras confirmaram muitas ligações com autoridades, ora governo, ora clubes (ALABARCES, 2004, p. 101-104; GARRIGA, 2006, p. 111-135) assim como a convivência com a polícia para chegar a acordos; dois fatores que explicam a manutenção das atividades econômicas.

Todavia, a resposta situacional desde os anos 2000 foi a de criação de espaços vazios nos estádios para evitar a proximidade entre os fãs de diferentes equipes. Estes espaços sem público, ditos pulmões de segurança, afirmaram a separação do público previamente separado desde final dos anos 1960. Os pulmões introduziram uma lógica de divisão completa, envolvendo o projeto de um “outro” como alguém que não deve ser cruzado de forma nenhuma. Uma visão que excluiu qualquer possibilidade de emoções e comportamentos de autorregulação, em termos de Elias e Dunning (1986), condenando todos os públicos à uma condição de intolerantes. Além disso, estes espaços sem público foram adotados como padrão durante muitos anos.

Na segunda divisão (*El Nacional B*), considerada tão violenta (ou mais), onde o impacto econômico da televisão não oferece os mesmos benefícios que na liga principal, a “solução” encontrada foi a proibição total público da equipe visitante desde 2007 depois da morte do torcedor Marcelo Cejas, quando seu time, Tigre, conseguiu subir e o Nova Chicago foi rebaixado. Desde aí, no campeonato Nacional B, só se viu um público nas arquibancadas, mas isso não impediu os

confrontos entre torcedores de um mesmo clube em luta pelo poder. Agora, com o rebaixamento do River Plate no Nacional B na temporada de 2011-2012, uma exceção à norma foi concedida, mas acabou assim que River voltou à primeira divisão.

O clientelismo estabelecido com as autoridades fez com que as barras afirmaram grupos específicos, o que se denomina a *Barra oficial*, enfrentando outros concorrentes dentro de uma arquibancada, causando batalhas sem tréguas quando um grupo tem o direito de acessar e outro vê a sua entrada para o estádio negada.

O ano 2013 foi nesse sentido um divisor de águas. Para além dos 72 episódios de diferentes tipos de violência registrados (SEGURA; MURZI; NASSAR, 2017), a feroz repressão em junho dos torcedores de Lanús levou a morte de um deles no estádio Único de La Plata. As decisões das autoridades provinciais de Buenos Aires foi proibir os visitantes com a expectativa de reduzir a violência nos estádios e arredores. Esta medida era contrária às tendências, que estavam provando que os maiores percentuais de confrontos não eram entre torcedores rivais. Uma clara mostra foi que diferentes facções dos adeptos do Boca Juniors se enfrentaram numa enorme batalha em julho antes de um jogo amistoso no estádio de San Lorenzo. As consequências foram dois mortos a tiro. Os visitantes não seriam mais permitidos em jogos profissionais como resposta da polícia pública nacional.

É claro que as medidas de políticas públicas adotadas nas últimas décadas e em particular nos últimos anos, não melhoraram a situação em nada em relação aos níveis de violência. Contudo, em oposição a esta histórica convivência, a exaustão dos cidadãos tem sido canalizada, de alguma forma, por duas associações que surgiram em meados da década de 2000, *Salvemos al Fútbol* e FAVIFA (Famílias das Vítimas da Violência no Futebol da Argentina). Estas associações foram criadas para denunciar o sistema de clientelismo e corrupção, onde a ausência da justiça e reparação têm definido o cenário. As suas ações têm estimulado novos fóruns de debate, desenvolvido atos de monitoramento em eleições, ensaios de auditoria em clubes e promovido pesquisas acadêmicas, no caso de *Salvemos*.

UMA ONG NA LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL: AS AÇÕES CIDADÃS

Salvemos al Fútbol nasceu por iniciativa de uma mulher, Monica Nizzardo, ex-funcionária encarregada da imprensa do Club Atlético Atlanta, um clube envolvido nos torneios entre a segunda e terceira divisão do futebol argentino, com passado histórico na primeira liga. No exercício das suas funções, Nizzardo foi vítima de uma cena de vandalismo que nenhuma das testemunhas quis denunciar por medo da retaliação. Em 2004, a sede do Atlanta foi visitada por um dos líderes da barra-brava. Em sua visita “protocolar”, o líder perguntou pelo presidente. Pelo fato de não obter respostas, ele quebrou computadores com uma massa de ferro. O caso foi a julgamento e o tribunal isentou o indivíduo em setembro de 2006, argumentando que não havia motivos para qualquer processo. Para combater as ameaças recebidas, Nizzardo fez várias aparições na mídia. Ainda assim, ela decidiu reclamar e criar uma estrutura para lutar contra a impunidade. *Salvemos* imediatamente fez causa comum com FAVIFA, a ONG presidida por Liliana Suárez, mãe do Daniel, um menino morto no meio de um confronto entre torcedores argentinos durante a Copa América 1995 no Uruguai. O surgimento dessa união rapidamente chamou outras figuras nestas causas cívicas, incluindo o advogado e ex-juiz federal, o Sr. Mariano Berges (NIZZARDO; BERGES, 2015)².

A extensão de *Salvemos* e FAVIFA não só atraiu pessoas que procuravam denunciar a violência, mas também de indivíduos que desejavam compreender o fenômeno. Assim, um departamento de pesquisa foi estabelecido desde 2009 com o objetivo de produzir estatísticas e análises (MURZI, SUSTAS; ULIANA, 2015). As ramificações juntaram indivíduos isolados, transformando-os em ativistas, ampliando o capital social e o sentido de pertença para alguns dos membros mais comprometidos. Assim, as vozes de *Salvemos* e FAVIFA começaram gradualmente a circular em vários fóruns, não só em Buenos Aires, mas também em diferentes partes do país e até mesmo no exterior. Da mesma forma, documentários têm sido associados

com *Salvemos* e as incursões filmadas para denunciar todas as violações das normas de segurança.

Diante de cada episódio de violência grave no futebol, *Salvemos* tornou-se um ponto de referência para as informações, incorporado como uma fonte de consulta imediata para a mídia. No entanto, tal como Erick Neveu diz sobre a mídia, ela “não é um simples suporte no qual são projetados os discursos dos atores mobilizados, ela é parte da interação” (2008, p. 102). No contexto argentino de tensão política e de conflitos, alguns meios de comunicação têm usado cada episódio para deslegitimar a ação do governo, em particular nos doze anos dos governos entre 2003 e 2015. Assim, muitas denúncias contra a violência foram capturadas como uma motivação para atribuir toda a responsabilidade à falta de capacidade do governo nacional para criar soluções, numa guerra midiática onde o que menos importava era entender a natureza dos eventos. O cenário mediático mudou com a chegada do presidente Macri e a mídia está cada vez mais determinada a condenar a existência do sujeito barras-brava como único responsável do problema e isentar a um governo afim aos interesses da grande mídia.

Ao mesmo tempo, essas solicitações de mídia proporcionaram uma vitrine para *Salvemos* e também para FAVIFA (na sua exigência de justiça). A consistência das duas associações, especialmente o papel ativo de *Salvemos*, e sua fundadora Monica Nizzardo, adicionado ao repertório de cartas para a Associação Argentina de Futebol (AFA) e aos funcionários do Ministério da Segurança a cargo de espetáculo desportivo, funcionou como energia vital durante os primeiros anos de vida. Além disso, alguns eventos, poucos, mas bem atendidos pelos meios de comunicação foram articulados com seções de torcedores ordinários (*Socios*) para reivindicar a proibição das barras-bravas nos clubes.

Salvemos soube criar alternativas para torcedores comuns nas seções de vários clubes (sócios gerais ou grupos que reivindicam uma causa política no interior do clube). Neste sentido, *Salvemos* foi procurada na luta dos sócios de Newell’s Old Boys de Rosário para terminar o período prejudicial do ex-presidente (1994-2008), cliente de estreita e regular relação com uma as barras mais organizadas em atividades ilegais (DEL FRADE, 2008). A ONG pôde atuar na gestão da informação nas eleições democráticas que mudaram

²Estes primeiros passos poderiam ressoar como aqueles das Mães da Plaza de Mayo no final de 1970, no sentido de serem atores, quase isolados, reclamando a aplicação da justiça e a busca de respostas, que também pode ser observada em *Salvemos* e FAVIFA na sua luta contra a violência no futebol da Argentina.

a direção do clube. Um processo semelhante ocorreu entre *Salvemos* e Independiente de Avellaneda a partir de 2009. A ONG foi contactada por um grupo de oposição ao presidente entre 2005 e 2011, suspeito de relações económicas com a barra-brava. Mais uma vez, *Salvemos* agiu como auditor cidadão, observando as eleições do 18 de dezembro de 2011, apoiando ativamente a decisão do novo presidente Javier Cantero, para cortar todos os laços com a barra-brava. A iniciativa do Sr. Cantero provocou um debate intenso na mídia, tanto mais que denunciou quantidades consideráveis de recursos para a barra-brava, como ele recusou-se a manter as bandeiras e instrumentos nas instalações do clube.

Os diagnósticos e as medidas destinadas a combater a violência têm sido objeto de intensos debates dentro de *Salvemos*. Alguns membros, incluindo a fundadora, consideravam que devia-se erradicar dos estádios toda a pessoa identificada com uma barra-brava, enquanto outros interlocutores sempre têm sugerido que é melhor negociar, gerar compromissos e incentivos para reduzir os níveis de violência, sem excluir aqueles indivíduos que não têm antecedentes criminais, mas formam parte de um contexto que sempre legitimou a violência. Ambas posições produziram documentos opostos, um ao outro no site de *Salvemos* em 2012. Aliás, a ONG continuou, desde 2007, um banco de dados sobre as mortes relacionadas ao futebol iniciado pelo sociólogo Amílcar Romero (1986), o qual é atualizado a cada evento trágico e é amplamente citado pela mídia.

A este respeito, o trabalho quase imprudente de *Salvemos* foi capaz de chamar a atenção da mídia estrangeira (mexicana, brasileira, europeia, australiana, entre outras), de modo que noticiários internacionais foram realizando entrevistas com Monica Nizzardo e outros membros da associação. No entanto, depois de seis anos de intensas mobilizações e de esforços pessoais, foi normal que o esgotamento atingisse a moral da fundadora, para afastá-la em 2012 da presidência de *Salvemos*. Como Neveu diz: “situações e mobilizações intensas [...] também têm o efeito de deslocar a vida pública / vida privada [e] estruturar toda a experiência em torno do conflito” (2008, p. 75). Porém, ao contrário de outras associações cujo resultado está em perigo quando os líderes se desligam, a reconfiguração de funções entre os membros pôde dar continuidade.

Diante da saída da fundadora, o advogado Mariano Bergés tornou-se presidente, alguns antigos colegas se afastaram enquanto os membros chegaram entre 2013 e 2015. Em 2013, *Salvemos* continuou a dedicar-se a dar visibilidade a violência e a corrupção, apoiando às vítimas, mas também acrescentando uma nova dimensão preventiva. Este novo curso, foi conjugado com um maior diálogo com os atores do Estado. Em particular com a Direção de Convivência e Diversidade do governo da cidade de Buenos Aires para organizar oficinas em escolas públicas secundárias. O dispositivo, concebido e realizado pelos cientistas sociais Diego Murzi e Federico Czesli, visou ampliar os significados da violência no futebol e relacioná-los com práticas e comportamentos dos menino com idades entre 13 e 18 anos. Nas oficinas trabalharam-se questões de identidades de gênero, resistência, masculinidade, violência e territórios. A ONG também foi chamada pelo clube Nueva Chicago para intervir em suas divisões inferiores como resultado de problemas sociais cotidianos. Nesse ano, *Salvemos* organizou a exposição fotográfica “Futebol, território e identidades” exibida em vários centros culturais em Buenos Aires.

A partir de 2014, os canais de diálogo com o Estado se cristalizam na adjudicação de um projeto social para a organização de workshops, palestras e atividades esportivas em bairros e vilas (villas) da cidade de Buenos Aires. Aprofundando a linha ligada à prevenção e educação, membros da ONG começam a desenvolver um seminário sobre violência no futebol, na escola de jornalismo Eter. *Salvemos* participou também de duas conferências organizadas em áreas legislativas. Nesses espaços é que se dão interações com a maioria os atores que fazem parte do problema, sob a forma de exposições, diagnósticos e propostas para enfrentar o fenômeno. Além disso, o vice-presidente da ONG visitou a Federação Francesa de Futebol com sede em Paris, para conversar com os responsáveis pela prevenção da violência no futebol amador francês.

Desta maneira, entretanto, apesar de ser um ator com importante visibilidade e conhecimento sobre o assunto – baseado em pesquisas, inclusive algumas internacionais e propostas de ações – a ONG não foi convocada pelo governo nacional nesse período para trocar ideias ou participar em iniciativas públicas.

O ano 2014 foi um dos mais violentos na história do futebol argentino, responsável por 18 mortes, uma situação que colocou a *Salvemos* com uma forte presença na mídia. Nesse ano faleceu o presidente histórico da Associação de Futebol Argentino (AFA), Julio Grondona, quem nunca quis receber funcionários de ONG em reuniões privadas. Seu sucessor interino concordou em receber o presidente e o vice da ONG, para finalmente expor a visão que os presidentes dos clubes eram vítimas em relação à violência, e que a questão da segurança e o bem-estar dos espectadores eram simplesmente uma tarefa do Estado. Uma definição que definitivamente fechou a porta a qualquer expectativa. Ao longo desse ano, o presidente da ONG viajou regularmente à cidade de Rósario devido a dois assassinatos de torcedores de Newell's nas mãos de torcedores do Rosario Central em dezembro de 2013. Os familiares, Mia Roldan e Leonardo Boladian receberam ajuda livre do advogado Mariano Berges nas causas. Finalmente, em 2016, a incessante atividade deu frutos quando os atores foram condenados a prisão.

O ano de 2015 marcou o fim de um governo nacional após 12 anos no cargo. Os índices de violência no futebol foram inferiores em relação a 2014, mas permaneceram altos em comparação com anos anteriores. Em maio, o livro "*Salvemos al Fútbol: 10 años de lucha*" foi publicado sob o comando da ex-presidente e fundadora (NIZZARDO; BERGES, 2015). Enquanto isso, a ONG continuou a aprofundar a linha preventiva e educativa com oficinas sobre violência em bairros vulneráveis da cidade de Buenos Aires. A ONG atuou como guia de acolhimento de duas antropólogas holandesas da Universidade de Utrecht, reforçou ligações com pesquisadores europeus e latino-americanos, e criaram parcerias com as redes *Football Supportes Europe* e *FARE (Football Against Racism in Europe)*. Além disso, dois de seus membros realizaram uma pesquisa financiada pela FIFA sobre a questão da formação de jogadores (MURZI; CZESLY, 2016).

Em 2016, com o novo governo nacional, *Salvemos* e seus membros, às vezes separadamente, foram convocados pela primeira vez a partir da Direção de Segurança em Espetáculos de Futebol e Esportes dependente do Ministério da Segurança Nacional. Mas apesar das promessas de trabalhar em conjunto, a agência seguiu eventualmente o curso

tradicional em políticas de segurança esportivas: saídas punitivas, reduzindo o diagnóstico apenas ao problema das barras-brava e nenhum investimento feito em políticas preventivas de médio prazo.

Sem desanimar, a ONG elaborou o Decálogo de Direitos do Torcedor, onde a partir de 10 propostas visibiliza o debate sobre muitas questões controversas da gestão dos clubes e do Estado no futebol. A este respeito, alguns membros da ONG apoiaram a criação da *Coordinadora de Hinchas*, associação de membros de vários clubes cujo lema é opor-se o desembarque de sociedades anônimas no futebol impulsionado pelo governo nacional. *Salvemos* começou também uma série de workshops em clubes profissionais (Argentinos Juniors, All Boys, entre outros) e clubes de futebol juvenil, para jogadores, treinadores e pais na intenção de problematizar os sentidos de violência e suas manifestações com apoio do governo da cidade de Buenos Aires. Um colaborador de pesquisa e dos membros da associação decidiram elaborar um banco de dados sobre os atos de violência identificados na mídia no futebol profissional a partir de 2006 (SEGURA; MURZI; NASSAR, 2017). Este trabalho visa a uma fonte de informações mais ampla sobre o fenômeno, uma matéria pendente ainda no Estado como foi evidenciado quando o Ministério de Segurança Nacional fez contato com a ONG para pedir estatísticas sobre a violência no futebol.

A ONG se estabeleceu nestes 11 anos como uma referência sobre o problema nos meios de comunicação. Colunas de opinião sobre os acontecimentos em torno de futebol são escritas periodicamente para a agência de notícias Telam. O desafio de *Salvemos* na sua segunda década de funcionamento consiste em evitar cair em processos de rotina, nos quais ela participa do debate diante dos episódios trágicos, mas tem ainda pouca capacidade para incidir nas políticas públicas. A morte do torcedor Emmanuel Balbo em abril 2017, depois de ser brutalmente agredido na arquibancada de Belgrano de Córdoba pelo fato de ser falsamente acusado como torcedor de Talleres – num *derby* (encontro esportivo entre equipes vizinhas ou rivais) no qual o público visitante não tinha direito de se apresentar – colocou de novo aos membros de *Salvemos* na vitrine do debate. A ONG representa, definitivamente, uma resposta associativa frente à violência no futebol argentino.

REFLEXÕES FINAIS

Os torcedores do futebol argentino estão certamente entre os mais apaixonados do mundo. Todavia a violência apresenta uma outra faceta, triste, do fenômeno. As vítimas fatais dos confrontos são adicionadas à lista de mortes. Por conseguinte, o caso da Argentina revela um número de paradoxos e dilemas: é possível manter o ardor e as características estéticas das arquibancadas, reduzindo os níveis de violência? É possível transformar a cultura do *aguante* numa cultura da festa cívica?

Os usos da violência revelam significados diferentes no futebol da Argentina. Até os anos 2000, a maioria das vítimas estavam ligadas às rivalidades de guerras simbólica entre torcidas rivais, defendendo cada uma a “honra” e o “prestígio” de uns diante dos outros, nas práticas da exposição do “*aguante*”. Essa lógica começou a mudar a partir dos anos 2000 para maiores disputas dentro das barras-bravas. A constituição de diferentes mercados, que atribuem ganhos econômicos, reafirmou as lutas internas. De fato, o controle das atividades realizadas por uma barra-brava e a cumplicidade em exercício de vários atores abriram possibilidades para benefícios monetários e recompensas.

A cumplicidade contribuiu para a perpetuidade das atividades de bravas-barras no século XXI. Mas uma estrutura de oposição surgiu no seio da sociedade civil. Apesar de não ser um movimento social, permanecendo sempre ao nível de pequenas ONGs, *Salvemos al Fútbol* e FAVIFA foram erguidas como uma rede de protestos. Seguindo o raciocínio do sociólogo Alain Touraine (1978), uma mobilização deve ser capaz de definir um oponente social. Neste caso o adversário é definido como uma entidade abstrata que é a violência no futebol e, especificamente, para alguns membros históricos das duas ONGs a erradicação das barras-bravas do cenário. No entanto, para se tornar um verdadeiro movimento, é importante construir uma visão de projeto social. Nesta dimensão, a capacidade destas associações é ainda baixa. O objetivo inicial de *Salvemos* era a denúncia da violência e a corrupção, e o da FAVIFA a justiça restaurativa. Objetivos absolutamente legítimos e necessários num país onde as barras-bravas têm sido um ator central na violência do agitado futebol. Mas as barras não são os únicos atores agindo. Diferentes pesquisas nas

ciências sociais já demonstraram o fato que as forças da ordem, muitas vezes amplificam as tensões, assim como outros torcedores nos estádios (espectadores) também criam situações violentas, e o pior, as vezes são os jogadores que contribuem para a histeria generalizada.

Em oposição a esta cultura, *Salvemos* tornou-se um ator que pode influenciar outros atores a se envolver nas propostas de alternativas. O espírito permanece principalmente na capacidade dos sócios para se organizar e tomar o destino dos seus clubes, exemplos como os de Newell's Old Boys de Rosário, e outros de ligas mais baixas demonstram que é possível, mas não é fácil. A capacidade de mobilização existe, as manifestações dos fãs San Lorenzo de Almagro para exigir o retorno ao bairro Boedo, lugar do antigo estádio em Buenos Aires, ou a apresentação da maior bandeira do mundo dos torcedores do River Plate em outubro de 2012 constituem provas de fidelidade sem recurso à violência. Porém, para neutralizar qualquer cumplicidade, o sistema deve avançar nas propostas e consultas adicionais.

É desejável que o debate se intensifique num plano real. É possível cantar, pular e desfraldar grandes bandeiras nas arquibancadas sem querer bater, atacar ou matar ao “outro”. Acreditamos que é possível, mas há um longo caminho a percorrer para que a mudança cultural proponha uma festa cívica sem violência. Pesquisadores, como o sociólogo Santiago Uliana, já propuseram a criação de pulmões de convivência: os torcedores de equipes rivais podem estar juntos, desfrutar de um show e interagir sem violência. A separação não é sempre a solução, pelo contrário, a criação de espaços de diversidade – como acontece em alguns jogos do Grêmio e Inter no Brasil – pode contribuir para apreciar o “outro” de forma diferente e em paz.

Salvemos al Fútbol procura iniciativas pensadas no trabalho preventivo. Nós, os autores deste texto em particular, aderimos à possibilidade de explorar diferentes modelos. A intervenção sociológica (DUBET, 2008) é desejável na busca de novos fóruns que podem informar o debate, a reflexão e propor ferramentas públicas de intervenção junto com os cidadãos. Porém uma consulta geral sem o compromisso sincero do mundo do futebol no seu conjunto, não tem possibilidades de traduzir-se em mudanças. Nesse sentido, a Associação de Futebol (AFA) é um ator que pode

desempenhar um papel ativo, junto com um Estado que precisa reforçar as dimensões da prevenção e não apenas reagir, com duros discursos diante das tragédias.

Além disso, todos têm o desejo geral de reduzir e controlar a violência no futebol, mas isso não poderia passar sem a participação dos torcedores e as agrupações civis nos clubes. Tal escala exigiria, de fato, consultas de grande escala. Podemos afirmar, porém, que o custo de um plano cidadão é sempre mais leve do que a inércia dos mortos. Devemos também refletir sobre a pertinência da integração dos líderes das arquibancadas. Devemos fazê-lo? Como? Quais seriam os interlocutores? A tentativa da ONG *Hinchadas Unidas* em 2010 mostrou quão controverso pode ser isso. As vítimas de violência dirão, sem dúvida, que não é questão de integrar as barras-bravas no debate.

Por outro lado, uma sociedade deve confrontar todas as vozes na resolução de um problema social grave. Talvez novos atores como a recente *Coordenadora de Hinchas* possam indicar o caminho para manter a festa do futebol sem (ou pelo mínimo com menos) violência. Todas estas questões complexas permanecem em aberto. As ciências sociais têm uma palavra a dizer a este respeito. Elas podem contribuir não só para fazer diagnósticos, mas também para propor sistemas de monitoramento e avaliação das políticas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALABARCES, PABLO. *Crónicas del Aguante. Fútbol, violencia y política*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2004.
- ALABARCES, PABLO (Ed.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo, 2005.
- ARAGON, SILVIO. *Los trapos se ganan en combate*. Buenos Aires: Antropofagia, 2008.
- ARCHETTI, EDUARDO. *Masculinidades. Fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
- ARCHETTI, EDUARDO; ROMERO, AMÍLCAR. Death and violence in Argentinian football. In.: GIULIANOTTI, RICHARD; BOONEY, NORMAN; HEPWORTH, MIKE (Eds.). *Football, Violence and Social Identity*. Londres: Routledge, 1994.
- BOURDIEU, PIERRE. Comment peut-on être sportif. In.: *Question de Sociologie*. Paris: La Découverte, 1981.
- BROMBERGER, CHRISTIAN ; HAYOT, ALAIN ; MARIOTTINI, JEAN MARK. *Le match du football. Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Paris: Maison de Sciences de l'Homme, 1995.
- BUNDIO, JUAN. Redes negativas: el pequeño mundo de las hinchadas de fútbol. In.: *Redes*, 2013, Vol. 4, No. 2, p. 109-134.
- CLARKE, JOHN. Football and Working-Class Fans: Traditions and Change. In.: INGHAM, ROGER (ed.). *Football Hooliganism: The Wider Context*. Londres: Interaction, 1978.
- D'ANGELO, NATALIA. La nueva conflictividad en las barras bravas en Argentina: una lectura a la luz de la teoría de redes. In.: *Revista de Investigación Social*, 2011, UNAM, Vol. VIII, No.13, p. 55-75.
- DAL LAGO, ALESSANDRO; DE BIASI, ROCCO. Italian football fans. Culture et organisations. In.: GIULIANOTTI, RICHARD; BOONEY, NORMAN; HEPWORTH, MIKE (Eds.) *Football, violence and social identity*". Londres: Routledge, 1994.
- DEL FRADE, CARLOS. *Central, Ñuls: La Ciudad Goleada. Fútbol, lavado de dinero y poder*. Tomo II. Rosario: Último Recurso, 2008.
- DUBET, FRANÇOIS. *L'expérience sociologique*. Paris: La Découverte, 2008.
- EHREMBER, ALAIN. Les hooligans ou la passion d'être égal. In.: *Esprit*, 1985, No 104-105, p. 65-81.
- ELIAS, NORBERT; DUNNING, ERIC. *Sport et civilisation. La violence maîtrisée* (1986). Paris: Fayard, 1994.
- FRYDEMBERG, JULIO. *Historia social del fútbol en Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2011.
- GALVANI, MARIANA; PALMA, JAVIER. La hinchada de uniforme. In.: ALABARCES, PABLO (Ed.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo, 2005.
- GARRIGA, JOSÉ. *Haciendo amigos a las piñas: violencia y redes sociales en una hinchada de fútbol*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.
- GARRIGA, JOSÉ. Cartografías de la(s) violencia(s). In.: GARRIGA, JOSÉ. *Violencia en el fútbol: investigaciones sociales y fracasos políticos*. Buenos Aires: Godot, 2013.
- GAXIE, DANIEL (1977). Economie des partis et rétributions du militantisme. In.: *Revue française de sciences politique*. 1977, Vol. XXVII, No.1, p.123-154.
- GEERTZ, CLIFFORD. *La interpretación de las culturas (1973)*. Barcelona: Gedisa, 1992.
- GIL, GASTON. *Hinchas en tránsito, violencia, memoria e identidad en una hinchada de un club del interior*. Buenos Aires: Gran Aldea, 2007.

- GODIO, MATÍAS; ULIANA, SANTIAGO. Aportes para una nueva experiencia de la seguridad en los estadios del fútbol argentino. In.: **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, 2016, Vol.3, No. 1, p. 71-82.
- LEVINSKY, SERGIO. **AFA: el fútbol pasa, los negocios quedan**. Buenos Aires: Autoria, 2016.
- MIGNON, PATRICK. **La Passion du Football**. Paris: Odile Jacob, 1998.
- MOREIRA, VERÓNICA. Buenos luchadores y grandes hombres, poder y política de una hinchada de fútbol en Argentina. In.: **Revista Question**, 2008, Vol.1, No17, p. 1-17.
- _____. Juego electoral y relaciones políticas en el fútbol argentino. In.: **Questões & Debates**, 2012, Vol.57, No.1, p. 127- 149.
- MURZI, DIEGO. **Hooligan ou business man? Portrait des supporters de football violents en Argentine**. Mémoire de master II – Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 2011.
- MURZI, DIEGO; CZESLY, FEDERICO. De la humildad a lo mental: un análisis comparativo del proceso de formación de futbolistas profesionales en Argentina y en Francia. In.: **Apuntes de Investigación del CECYP**, 2016, No. 28, p.162-182.
- MURZI, DIEGO; SEGURA, FERNANDO. Violences dans les stades en Argentine: la place des «barras-bravas» et la réaction citoyenne. In.: BUSSET, THOMAS; BESSON, ROGER; JACCOUD, CHRISTOPHE (Eds.). **L'autre visage du supportérisme**. Berna: Peter Lang, 2014.
- MURZI, DIEGO; SUSTAS, SEBASTIÁN; ULIANA, SANTIAGO. La violencia en el fútbol desde las ciencias sociales. In.: NIZZARDO, MÓNICA; BERGES, MARIANO (Eds.). **Salvemos al Fútbol**. Buenos Aires: Dunken, 2015.
- NEVEU, ERIK. **Sociologie des mouvements sociaux**. Paris: La Découverte, 2008.
- NIZZARDO, MÓNICA; BERGES, MARIANO. **Salvemos al Fútbol: 10 años de vida**. Buenos Aires: Dunken, 2015.
- PALOMINO, HECTOR; SCHER, ARIEL. **Fútbol, pasión de elites y multitudes: estudio institucional de la Asociación de Fútbol Argentino (1934-1986)**. Buenos Aires: CISEA, 1988.
- ROMEO, AMÍLCAR. **Deporte, violencia y política (crónica negra 1958-1985)**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.
- ROMERO, AMÍLCAR. **Muerte en la Cancha**. Buenos Aires: Editorial Nueva América, 1986.
- _____. **Las Barras Bravas y la contrasociedad deportiva**. Buenos Aires: Nueva América, 1994.
- _____. Apuntes sobre la violencia en el fútbol argentino. In.: **EDDeporte**, 1997, No. 8, p. 1-5.
- SEGURA, FERNANDO. Ritualización y mercantilización de la violencia en el fútbol: elementos comunes y diferencias entre las barras de Argentina y México. In.: **Documento de trabajo DAP**, CIDE, DAP, 2013, No.267, p. 1-47
- SEGURA, FERNANDO; MURZI, DIEGO. Alternativas europeas comparadas de gestión y seguridad en los estadios de fútbol. ¿Qué se puede aprender? In.: GARRIGA, JOSÉ (Ed.). **Violencia en el fútbol**. Buenos Aires: Godot, 2013.
- _____. ¿Gestión de la violencia en el fútbol? Perspectivas críticas sobre Inglaterra y Bélgica. In.: **Gestión Pública**, 2015, Vol. 4, No.1, p. 65-106.
- SEGURA, FERNANDO; MURZI, DIEGO; NASSAR, BELÉN. **Describing violence, deaths and football in Argentina: who participates and what is at stake?** Em processo de avaliação para revista internacional, 2017.
- SODO, JUAN. De la violencia a los ambientes de violencia: entre el doble discurso de los hinchas y el doble reduccionismo mediático. In.: GARRIGA, JOSÉ (Ed.). **Violencia en el fútbol**. Buenos Aires: Godot, 2013.
- TAYLOR, IAN. **Football Mad – Speculative Sociology of Soccer Hooliganism**. In.: DUNNING, ERIC (Ed.). **The Sociology of Sport: A Selection of Readings**. Londres: Cass, 1971.
- TSOUKAKA, ANASTASSIA. **Hooliganisme en Europe, Sécurité et libertés publiques**. Paris: Athéna, 2010.
- TOURAINÉ, ALAIN. **La Voix et le Regard**. Paris: Seuil, 1978.
- ULIANA, SANTIAGO; GODIO, MATÍAS. Separar, dividir y mortificar. In.: GARRIGA, JOSÉ (Ed.). **Violencia en el fútbol**. Buenos Aires: Godot, 2013.
- WILLIAMS, JOHN; DUNNING, ERIC; MURPHY, PATRICK. **Hooligans Abroad**. London: Routledge, 1984.